

RELIGIÃO E POSITIVISMO

João Ribeiro Júnior

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

“On ne peut pas toujours penser, mais on peut toujours aimer.”

Augusto Comte

Augusto Comte, julgando que a Humanidade não podia passar sem Religião, deu-lhe uma puramente natural, racional, científica e exclusivamente humana, que não admite mistérios, revelação, vontade sobrenatural, e que não aceita nenhuma crença cuja exatidão a sua razão não lhe tenha podido demonstrar.

Este trabalho, tentativa de compreensão da Religião da Humanidade, é um resumo de pesquisas que vimos realizando em torno do Positivismo.

1 – A ORIGEM

A Religião Positivista, também chamada Religião da Humanidade, nasceu a 16 de maio de 1845, na casa onde residia Clotilde de Vaux, à rua Pavée, nº 24, no Marais, em Paris.

Augusto Comte tinha publicado o sexto e último volume do **Curso de Filosofia Positiva** (1842), e já escrevera um **Tratado Elementar de Geometria Analítica** (1843), e depois um **Tratado Filosófico de Astro-nomia Popular** (1845), precedido do **Discurso Preliminar sobre o Espírito Positivo** (1844), e meditava sobre uma “teoria positiva da unidade humana”, quando conheceu Clotilde de Vaux.

Comte estava separado da esposa Caroline Massin, depois de dezessete anos de íntimos sofrimentos, e suas relações eram limitadas ao pagamento de uma pensão. Aplicava, desta forma, em si próprio a regra que formulara: “O homem deve sustentar a mulher, a fim de que ela possa preencher convenientemente seu santo destino social.”¹

Vivendo recluso nos aposentos do nº 10 da Rua Monsieur-le-Prince, preocupado quase exclusivamente com o destino sócio-político de sua Filosofia, veio a conhecer, casualmente, a irmã de seu discípulo, Maximilien Marie: Clotilde.

Clotilde de Vaux contava 29 anos, e ele 46. Como ele, também ela fora casada, mas o marido a abandonara muito cedo.

E desse encontro casual nasceu uma paixão romântica, um amor profundo, com todos os sintomas de primeiro amor experimentado,

que produziu uma transformação na personalidade de Augusto Comte. Romanticamente, ele dirá mais tarde: "Este incomparável ano fez surgir em mim o único amor puro e profundo que o meu destino comportava. A excelência do ente adorado permite à minha maturidade, mais feliz que a minha mocidade, saborear em toda a sua plenitude, as mais delicadas emoções da humanidade."²

Comte se refere a esta experiência emotiva na **Quinta Santa Clotilde**, lida por ele, em 1849, à beira do túmulo de sua amada: "... o positivismo religioso começou realmente em nossa preciosa entrevista inicial de 16 de maio de 1845, quando o meu coração proclamou inopinadamente diante de tua família maravilhada, a sentença característica: não se pode pensar sempre, mas se pode amar sempre, que, completada, se tornou a divisa especial de nossa grande composição..."³

Este amor romântico, que se aproxima muito de pura amizade,⁴ durou um ano — "Ano sem Par" —, pois Clotilde, sua "angélica inspiração" que purificava e ampliava seu pensamento, faleceu a 5 de abril de 1846. Mas, longe de desvanecer esse sonho de enamorado, se reforça ainda mais, e Comte, todos os dias, até sua morte, ocorrida em 1857, irá consagrar-lhe um culto religioso.⁵

Clotilde de Vaux era para Augusto Comte não só "uma casta companheira imortal", mas também, "a mãe subjetiva" e "a filha objetiva que estava destinada a embelezar a existência temporária."⁶

Teria Comte se iludido sobre o papel real do sentimento no desenvolvimento de sua Filosofia ?

A inteligência é insuficiente para criar ou conservar o vínculo social necessário à organização da sociedade. "De forma geral — observa Boutroux — a inteligência não faz senão ordenar, sistematizar: ela não cria. Quem cria é o coração. O coração está, necessariamente, na origem desta suprema criação que é o organismo social. E o coração não se deve confundir com o instinto, com a natureza, com o fato puro e simples."⁷

De tais premissas psicológicas, Comte irá deduzir o dogma fundamental, a um tempo filosófico e político, da preponderância do coração sobre o espírito, para criar uma religião que não será simples abstração, mas um desenvolvimento efetivo do altruísmo e do amor, "único princípio universal."

No último volume do **Curso de Filosofia Positiva**, dizia Comte, antes de ter conhecido Clotilde: "a evolução fundamental do método positivo permanece pois, necessariamente, incompleta até que se estenda suficientemente o único estudo verdadeiramente final, o estudo da humanidade, em relação ao qual todos os outros, mesmo o do homem propriamente dito, não podem constituir senão indispensáveis preâmbulos, e que

é espontaneamente destinado a exercer sobre eles uma universal preponderância normal, não só lógica, mas também científica.”⁸

Agora, cativado pelos sentimentos de sua santa inspiradora, diz na “Dedicatória” de seu **Sistema de Política Positiva**: “Minha obra fundamental tem consistido sobretudo em estabelecer este grande princípio, de modo que prepare a sua justa aplicação contínua, constituindo-lhe a irrevogável preponderância lógica e científica, das concepções sociais sobre todas as outras ordens de especulações reais. É segundo tal base que, em relação ao destino essencial da verdadeira filosofia, o tratado atual faz diretamente a sistematização final de toda a existência humana, pela subordinação necessária do espírito ao coração. Em verdade, a minha principal tarefa deve limitar-se nele em fazer livremente aceitar ao próprio espírito tal império, cujo advento normal não pode dispensar esta ratificação voluntária. Mas, poderia eu esperar jamais fazer nos outros renovação tão difícil, se antes de tudo, não se me tivesse ela tornado profundamente familiar? Eis por que, minha bem amada, especialmente eu deveria experimentar a preciosa reação filosófica de uma virtuosa paixão privada.”⁹

Não se trata mais de observar fatos, de adivinhar-lhes por indução as leis da coexistência e da sucessão; de deduzir dessas leis, por via da consequência e correlação, fatos novos que escapassem à observação direta, mas que a experiência verificada. O objetivo, agora, é procurar na concepção positivista do mundo a revelação de um ser superior ao homem, cujo amor constituísse o novo culto.

Augusto Comte passa, então, a organizar esta ação da teoria sobre a prática, cujas condições de existência o estudo da História lhe havia desvelado. O passado havia-lhe ensinado que a religião é um dos elementos da ordem social, e que tem sempre um órgão distinto: um sacerdócio. Assim, pela observação direta e pelo estudo da História, apreendeu as condições gerais das religiões. Observou que, por toda a parte e sempre, a massa humana reduz o dogma à crença em diversos seres mais poderosos que o homem, finalmente subordinados a um só, no qual ela procura um protetor, um juiz, e mesmo, um vingador. Notou que o amor por este ser superior refreia o egoísmo e aproxima os homens, altruisticamente.

Mas foi o Catolicismo que lhe revelou todas as profundezas da alma humana, familiarizando-o com a abnegação sublime de São Francisco de Assis, o amor profundo e divino de São Bernardo, a devoção plácida de Thomaz Kempis.

Encontrou, assim, a forma que revestiria a religião no futuro, e a Humanidade revelou-se-lhe como o ser mais poderoso de todos os setores conhecidos: “**Extinctis Diis, Deoque succesit Humanitas.**”

2 — AS OBRAS BÁSICAS DA RELIGIÃO POSITIVISTA

2.1 — Sistema de Política Positiva ou Tratado de Sociologia Instituído a Religião da Humanidade (1851 — 1854).

Sem abandonar o método objetivo, proveniente do concurso de todos os métodos particulares: da indução, da dedução, da observação, da experimentação, da comparação, da filiação histórica, da nomenclatura e da classificação, que utilizara até então, Comte subordina-se, agora, a um “método subjetivo”, que resulta da combinação lógica dos sentimentos, das imagens e dos sinais.

“Não nos deixemos — diz Boutroux — perturbar pelas palavras. Augusto Comte fala de subjetivo, de sentimento, de coração, de moral, de eternidade, de religião. Na realidade, só se trata nessas teorias, aparentemente místicas, da predominância necessária do ponto de vista social e humano, na indagação científica e na vida. Julgando impossível a sistematização das ciências, do ponto de vista das coisas ou do ponto de vista objetivo, Comte chama subjetivo o ponto de vista que preconiza e consiste em organizar as ciências do ponto de vista puramente humano.”¹⁰

No primeiro volume desta obra — dedicada “à santa memória de minha eterna amiga Madame Clotilde de Vaux (nascida Maria)” — figura o **Discurso sobre o Conjunto do Positivismo**, que é uma exposição rápida da Filosofia Positiva e da sua aptidão para dirigir a conduta do povo durante a transição revolucionária. Nele, lemos a epígrafe: “Reorganizar sem deus, sem rei, pelo Culto sistemático da Humanidade. Ninguém tem direito senão o de fazer o seu dever. O espírito deve sempre ser o ministro do coração, e jamais o seu escravo.” O **Discurso** foi escrito em 1848. Segue uma “Introdução Fundamental”, na qual aparece novamente a teoria positiva da “alma” ou conjunto das funções elementares do cérebro, já desenvolvida e esclarecida no último capítulo do terceiro volume do **Curso de Filosofia Positiva**.

Augusto Comte para explicar a “alma” recorre à fisiologia, ciência que, segundo ele, estuda no aparelho cerebral as condições da produção das faculdades psíquicas. Destarte, a Filosofia Positiva apenas registra as respostas sucessivas que recebe a este respeito, e, como a fisiologia nada lhe diz do que é a vida na sua essência, não se aventura a emitir opinião sobre o que é a “alma” antes do nascimento e depois da morte, por falta de conhecimentos exatos. Todavia, reparte suas funções elementares em três grupos, acompanhando a frenologia do naturalista Gall: **Coração** (pendores e sentimentos), **Espírito** e **Caráter**. O Coração impele, o Espírito esclarece, o Caráter realiza. Os **pendores** são pessoais, isto é, **egoís-**

tas (interesse, ambição), ou, então, sociais, isto é, **altruísta** (afeto, veneração, bondade). A **moral**, neste contexto, tem por fim a subordinação habitual do egoísmo ao altruísmo, sob a sanção da opinião. O Espírito se divide em **concepção** e **representação** (expressão do belo ou da perfeição); daí a **Poesia**, "votada à representação do belo (a perfeição), idealiza primeiro os sentimentos, depois os atos, e enfim os pensamentos." A **Concepção** se divide em **contemplação** (concreta e abstrata) e **meditação** (indutiva e dedutiva). Daí a **Filosofia**, "votada à concepção do verdadeiro (a existência), sistematiza primeiro os pensamentos, depois os sentimentos, e enfim os atos." O **Caráter** compreende o **bom** (útil, honesto ou melhoramento) e a **coragem** (iniciativa), a **prudência** e a **firmeza**. Daí a **Política**, "votada à realização do bom (o melhoramento), rege primeiro os atos, depois os sentimentos, e enfim os pensamentos." A combinação dos vários pendores (egoístas e altruístas) dá origem às "funções compostas" do cérebro (amor, dignidade, cupidez, avareza etc.), mediante as quais caracterizam-se os atos e as próprias pessoas.

O segundo volume trata da **Estática Social** ou **Tratado Abstrato da Ordem Humana**.

Afirmando que "primeiramente espontânea, depois inspirada e a seguir revelada, a religião tornou-se enfim demonstrada. Sua constituição normal deve satisfazer, ao mesmo tempo, o sentimento, a imaginação e o raciocínio,"¹¹ — Augusto Comte inicia o terceiro capítulo do seu **Sistema**, estudando a teoria positiva de cada um dos caracteres comuns a todas as sociedades: a religião, a propriedade, a família, a linguagem, a classificação social, que formam a estrutura do organismo coletivo e as funções correspondentes, cujo conjunto constitui a existência social.

Elabora, assim, as semelhanças e as diferenças entre o organismo individual e o organismo social, e mostra que, enquanto o individual é essencialmente imutável, o social é susceptível de melhoria, se guiado por princípios científicos; e que, ao contrário do individual, o social permite maior distribuição de funções combinadas com um alto grau de coordenação dos órgãos.

Destarte, baseando-se nas "funções do sistema cerebral do homem", Comte traça os três graus da sociedade: a **Família** (sentimento ou afeição), o **Estado** ou a **Cidade** (ação) e a **Igreja** (inteligência), que sintetiza todos os demais.

Por isso, afirma que "a fundação duma igreja universal possibilitará e redução gradual das monstruosas e temporárias aglomerações humanas até àquele limite natural em que o Estado pode existir sem tirania,"¹² pois "nenhuma combinação humana pode ser duradoura, se não é verdadeiramente voluntária; e, ao considerarmos a forma normal do Estado, devemos libertar-nos dos laços artificiais e violentos, para retermos

apenas os espontâneos e livres. Longa experiência prova que a Cidade, na mais completa extensão das regiões circundantes, é o maior corpo político cuja existência é possível sem se tornar opressiva."¹³

Para Comte, "a fé positiva, com o seu calmo domínio de toda a vida humana, será suficiente para unificar as diversas Cidades na comunhão moral da Igreja,"¹⁴ sem requerer como auxiliar a ajuda do Estado com a sua unidade meramente material.

De modo que, a criação final de uma sociedade religiosa, onde quer que ela se conclua, satisfaz, segundo Comte, as três exigências da sociedade política. A direção intelectual, a sanção moral e a normalização social, que um governo requer para modificar a sua própria natureza material, são garantidas pela Igreja, quando esta haja adquirido uma existência autônoma.

O terceiro volume, que contém a **Dinâmica Social** ou **Tratado Geral do Progresso Humano**, e a **Filosofia da História**, amplia as idéias contidas no segundo. Assim, enquanto a **estática** estuda o "consensus" (solidariedade) ou o organismo social em suas relações com as condições de existência, traça a **teoria da ordem**; a **dinâmica** parte do conjunto para as particularidades, e determina o **progresso** geral da Humanidade.

O quarto e último volume encerra o **Quadro Sistemático do Porvir Humano**, ou seja, a teoria fundamental da Humanidade; a religião universal e a existência normal; a existência afetiva ou sistematização do culto; a existência ativa ou sistematização do regime, e, por fim, o quadro de transição do presente para o futuro.

2.2 — **Catecismo Positivista** (1852)

Esta "sumária exposição da Religião Universal" foi escrita entre a publicação do segundo e a do terceiro volume do **Sistema**. É a conclusão de que o problema político não é um problema prático e legislativo, mas problema filosófico e religioso.

O **Curso de Filosofia Positiva** e a primeira parte do **Sistema de Política Positiva** se encontram em resumo nesta obra.

Nela encontramos a "**Biblioteca Positivista**".¹⁵ seleção de 150 obras, cuja leitura Comte recomenda, assim divididas: Poesia (30 volumes), Ciência (30 volumes), História (60 volumes), Síntese (30 volumes). É na **Síntese** que figuram as obras religiosas; a **Bíblia**, o **Tratado sobre o Amor de Deus**, de São Bernardo, a **Imitação de Cristo**, de Kempis, na tradução de Corneille, o **Catecismo de Montpellier**, precedido da "Exposição da doutrina Cristã", de Bossuet, e outras.

Há, também, o **Calendário Positivista**¹⁶, dividido em treze meses de vinte e oito dias, mais um dia complementar e um dia bissexto, que começa no primeiro dia do ano de 1789, tomado como o início da era moderna. Este calendário é, a um tempo, concreto e abstrato. No primeiro caso, que, segundo Comte, deve ter um uso transitório, os meses, as semanas e os dias são consagrados aos grandes homens, cujos nomes concorreram para a evolução social. O primeiro mês, dedicado à teocracia inicial, é consagrado a Moisés; o segundo, à poesia antiga, a Homero; o terceiro, à filosofia antiga, a Aristóteles; o quarto, à ciência antiga, a Arquimedes; o quinto, à civilização militar, a Júlio Cesar; o sexto, ao catolicismo, a São Paulo; o sétimo, à civilização feudal, a Carlos Magno; o oitavo, à época moderna, a Dante; o nono, à indústria moderna, a Guttemberg; o décimo, ao drama moderno, a Shakespeare; o décimo primeiro, à filosofia moderna, a Descartes; o décimo segundo, à política moderna, a Frederico, o Grande; e o décimo terceiro, à ciência moderna, a Xavier Bichat. No segundo, que será no final o único a vigorar, as datas são designadas por denominações que recordam os laços fundamentais (religioso, político, paternal etc.), os estados preparatórios (fetichismos, politeísmo e monoteísmo) e as funções normais da Humanidade (o sacerdócio ou providência intelectual; a mulher ou providência moral; o patriciado ou providência material; e o proletariado ou providência geral).

2.3 – Apelo aos Conservadores (1855)

Neste livro, que é “o complemento necessário ao **Catecismo Positivista**¹⁷, Comte expõe a divisa dos homens de Estado, durante o interregno religioso: “**ordem material, liberdade espiritual**”, asseverando que o Positivismo veio substituir a devoção pelo devotamento.

A obra está assentada em bases filosóficas que pretendem “estabelecer, pela demonstração, uma fé não menos vedada às abstrações metafísicas do que às ficções teológicas.”¹⁸

“Sendo a vida sempre caracterizada por uma individualidade, explica Augusto Comte, tanto mais pronunciada quanto mais eminente é a existência, não se pode imediatamente desconhecer a obrigação de nunca partir dos diversos aspectos da religião destinada a regulá-la. Instituído uma síntese provisória, o fetichismo e a teocracia desenvolveram hábitos que bastará reanimar para superarmos as tendências, cada vez mais dispersivas da evolução ocidental. Todos os esforços, mesmo teóricos, tentados, sob a anarquia moderna a respeito de sistematizações parciais, concorrem para demonstrar a impossibilidade de coordenar qualquer coisa de outro modo que não seja ligando tudo. Daí resultam, ao mesmo tempo, a dificuldade principal e o privilégio decisivo da religião positiva, forçada, sob pena

de inanidade total, abraçar o conjunto do domínio humano tanto afetivo como ativo e especulativo, que só a teocracia pôde esboçar."¹⁹

Não há síntese parcial, diz Comte; assim se torna necessário congruar os homens e regulamentá-los por uma fé nova, exclusivamente positiva, inteiramente baseada na observação e na experimentação para estabelecer um sistema durável de opiniões comuns, conveniente para todos os tempos, para todos os lugares, susceptível de eternidade e de universalidade.

Comte termina o seu **Apelo aos Conservadores**, proclamando que "o progresso humano consiste sobretudo em modificar, cada vez mais, o rumo necessário do poder material, mediante o consenso crescente entre o coração e o espírito."²⁰

2.4 — **Síntese Subjetiva ou Sistema Universal das Concepções Peculiares ao Estado Normal da Humanidade (1856)**.

Esta obra devia compor-se de três partes, porém Comte só escreveu a primeira, que tem por título: **Sistema de Lógica Positiva ou Tratado de Filosofia Matemática**. A segunda seria um tratado de "moral teórica", instituindo o conhecimento da natureza humana, e de "moral prática" ou "teoria positiva da educação". A terceira parte visaria ao "sistema de indústria positiva".

Falecendo a 5 de setembro de 1857, Augusto Comte apenas deixou o plano geral destas últimas obras.

Nesta **Síntese Subjetiva**, Comte tenta coordenar, pelo princípio da Humanidade, que sua Política tirou de sua Filosofia, o estado normal da natureza humana.

"Minha principal obra, diz ele, tendo irrevogavelmente determinado o futuro de conformidade com o conjunto do passado, eu posso agora desenvolver assaz este quadro para constituir o tipo necessário da regeneração universal. Assim, minha **Síntese** resulta de minha **Política**, como esta de minha **Filosofia**, de maneira a completar a grande trilogia que deve dirigir a reorganização espiritual do Ocidente. A doutrina regeneradora, primeiro filosófica, depois religiosa, estando suficientemente estabelecida, é preciso expor diretamente o conjunto das concepções peculiares ao estado normal da Humanidade. Sem tal complemento, o sacerdócio universal não poderia guiar assaz os ocidentais para o porvir deduzido do passado, a fim de terminar uma revolução que, mais intelectual do que social, exige a inteira renovação de nosso entendimento. Formulando os principais pensamentos de nossos descendentes regenerados, institui-se o único tipo capaz de superar os preconceitos e os sofismas de nossos contemporâneos anárquicos e retrógrados. Devo, pois, realizar esta operação como o termo decisivo da missão assinada ao conjunto de minha

carreira por meus opúsculos primitivos, onde já tinha diretamente em vista a reconstrução positiva do poder espiritual.”²¹

É nesta obra que encontramos a definição da **lógica positiva**: “Reconstruída convenientemente, a definição da **lógica**, incidentemente formulada na pág. 448 do tomo primeiro da minha **Política Positiva**, exige duas retificações conexas, não no que se refere aos meios, mas sim no que se refere ao fim. Deve-se substituir nela **desvendar as verdades** por **inspirar as concepções**, para caracterizar a natureza essencialmente subjetiva das construções intelectuais, e a extensão total do seu domínio, não menos interior do que exterior. Com esta dupla retificação, a minha fórmula inicial torna-se plenamente suficiente. Então somos finalmente conduzidos a definir a **lógica: o concurso normal dos sentimentos, das imagens, e dos sinais, para inspirar-nos as concepções que convêm às nossas necessidades morais, intelectuais e físicas.**”²²

Esta e as demais obras desse período, fundamentais para o estudo da Religião Positivista, quase foram destruídas. Dois meses após a morte de Augusto Comte, sua ex-esposa Carolina Massin e seu ex-discípulo Littré propuseram uma ação para anular seu testamento, alegando que só havia loucura e aberração em sua concepção religiosa. Assim, reivindicavam a propriedade das obras referentes a esse período para destruí-las. O processo se arrastou por treze anos; sendo afinal decidido que os interessados não tinham competência para proporem a ação.²³

3 – OS DOGMAS DA RELIGIÃO POSITIVISTA

3.1 – O Grande Ser (Le Grand Être)

Para Augusto Comte, o **Grande Ser** é “o motor imediato de cada existência individual ou coletiva”,²⁴ que inspira a fórmula máxima do Positivismo: “**O Amor por princípio, e a Ordem por base; o Progresso por fim.**”²⁵

Esclarece Miguel Lemos que essa fórmula era redigida de maneira diversa (e ainda hoje é citada erradamente): “O Amor por princípio, a Ordem por base e o Progresso por fim.” Comte modificou a redação, “ligando o segundo membro ao primeiro pela conjunção, e separando o terceiro por um ponto-e-vírgula.”²⁶

“Combino o segundo termo com o primeiro, isolando o último, explica Augusto Comte, o que doravante deve adaptá-la melhor ao seu destino normal. Enquanto eu tive de superar a insurreição do espírito contra o coração e a cissão do progresso relativamente à ordem, a forma primitiva era preferível. Mas tendo o meu volume final preenchido assaz essas duas condições, a nova redação fará sentir melhor a constituição religiosa do positivismo, a aliança entre o amor e a fé para guiar a atividade

de. Representando a unidade como proveniente do concurso da simpatia interior com a ordem exterior, ela permite mais regular toda a existência, mesmo física, mediante um destino sempre altruísta."²⁷

Assim, o amor procura a ordem e impele para o progresso; a ordem consolida o amor e dirige o progresso; o progresso desenvolve a ordem e reconduz o amor.

A Religião Positivista, portanto, procede por inspiração do altruísmo²⁸ e, baseando-se no conhecimento do mundo, pretende concorrer para o aperfeiçoamento moral, intelectual e prático da Humanidade.

A fim de melhor guiar a vida real, esta fórmula universal do Positivismo, se decompõe em duas divisas usuais: uma moral — "**Viver para outrem**", ou seja, subordinar o Indivíduo à Família, esta à Pátria e esta à Humanidade; e outra estética — "**Ordem e Progresso**", isto é, organização, arranjo, cada coisa em seu devido lugar para perfeita orientação ética da vida social. É uma consequência necessária do dogma fundamental da Religião Positivista, que consiste em reconhecer a invariabilidade das leis.

Mas o que é realmente o **Grande Ser** ?

O que é este "termo mais alto que o nosso espírito pode atingir, o ideal mais alto que o nosso coração pode amar, o objeto, enfim, mais digno do nosso devotamento" ?²⁹ O que é este — como diz Comte — "centro contínuo dos nossos sentimentos, dos nossos pensamentos e dos nossos atos, oriundos de minha filosofia, sob o impulso feminino para dirigir minha política ?"³⁰

Este Ente Supremo, este Ser Eterno, este **Grande Ser** é a **Humanidade** — "a síntese subjetiva" —, definida por Augusto Comte como o "conjunto dos seres humanos passados, futuros e presentes,"³¹ e cuja existência está fundada no Amor.

A **Humanidade**, na Religião Positivista, se compõe, assim, dos mortos, que adquiriram a vida subjetiva; dos vivos que se esforçam por adquiri-la; dos não-nascidos, que se supõe devem adquiri-la. É integrada por um tríplice: o passado, o presente e o futuro. É constituída de uma trindade: a Humanidade que trabalhou, que trabalha e que trabalhará.

A **Humanidade**, "l'ensemble continu des êtres convergents", como objeto de adoração e amor, é, portanto, composta dos próprios adoradores, reabsorvidos nela.

Desta forma, uma vez que a **Humanidade** é o conjunto dos homens, de todos os homens mortos, vivos, não-nascidos —, ela é muito mais subjetiva do que objetiva. E esta subjetividade, tão preponderante que "governa cada vez mais os vivos", é feita das virtudes dos mortos, da

inteligência deles, que trabalhou por nós, da sensibilidade que eles nos deixou. Em suma, a subjetividade, que governa os vivos, é o conjunto das boas ações dos mortos e o potencial de virtudes dos não-nascidos. Como diz Comte: "Les vivants sont de plus en plus gouvernés par les morts qui représentent la meilleure portion de l'humanité !"

A virtude, o exemplo, o potencial são imateriais, logo o homem não é só matéria, mas deixa atrás de si um traço imaterial. Deste modo, na Religião Positivista — como nas religiões de salvação — o homem "digno de sobreviver" compõe-se de duas partes: a perecível e a não perecível (corpo e alma). Desta concepção da alma individual à veneração individual de certos mortos ilustres não há mais que um passo.

Assim, a **Humanidade — O Grande Ser** — muito mais do que uma simples abstração, de forma vazia e inerte, é uma realidade, pois representa a comunhão de todos os homens em contínua solidariedade no tempo.

A solidariedade, com a continuidade, é a condição fundamental da existência e do desenvolvimento da **Humanidade**.

É na **Humanidade**, pois, que o homem irá satisfazer sua necessidade real de um Deus, e seu desejo de imortalidade. Seu destino moral será servir, acima de tudo, ao **Grande Ser**, à **Humanidade**.

É de notar que Comte concilia o Fetichismo com o Positivismo, o Estado Teológico-Fictício com o Estado Positivo-Real, para explicar o **Grande Ser**, pois entende que é só no Fetichismo individual ou coletivo, onde há uma expansão ingênua do sentimento, que se realiza a verdadeira identificação entre o homem e a Humanidade. Deste modo, tenta assegurar a plenitude da unidade religiosa.³²

3.2 — Os Santos, os Anjos e a Virgem-Mãe

Embora Augusto Comte, contrário à teologia e à metafísica, que considerava meras construções ilusórias, pregasse que o Catolicismo era anti-social e que seria irrevogavelmente eliminado pelo Positivismo,³³ ele não esconde suas propensões simpáticas por essa Religião pois se lhe apresentava como a obra-prima da hierarquia e da compreensão das necessidades espirituais do homem. Assim, a tomou como modelo, mas lhe negou o direito de pretender conduzir a Humanidade.

"O Positivismo — diz Boutroux — após ter proscrito os dogmas que apresentavam como verdades, não temerá restaurar o fetichismo imaginativo, como auxiliar prático, subordinado ao princípio racional da religião, e restaurá-lo como um meio, conforme à natureza humana, de realizar a sistematização concreta e efetiva dos sentimentos, sem a qual a síntese total, condição da regeneração das sociedades, fica sendo

simples idéia. O fetichismo, que restabelece Augusto Comte, será, na realidade, puramente, poético. Consistirá em introduzir, a título de hipótese, em dados seres da natureza, vontades análogas à nossa, ativas e benfazejas. Muito isolado se sente o homem na natureza, se esta nada mais é que a expressão de leis fatais e cegas. Para agir com entusiasmo e alegria, ele precisa considerar-se como cercado de amigos, que o compreendem e ajudam. É-lhe útil, pois, imaginar, sob as forças da natureza, seres seus análogos, com ele simpatizando. É preciso que a vontade complete as leis. Eis por que o culto positivista não visará somente à memória dos heróis da humanidade. Terá por objetos essenciais o Grande Ser ou a Humanidade, o Grande Fetiche ou a Terra e o Grande Meio ou o Espaço. Estas três hipóteses constituirão a Trindade positivista, e qualquer lei natural poderá, da mesma forma, ser legitimamente simbolizada por uma espécie de divindade pagã própria a interessar a imaginação."³⁴

É assim que vemos no Positivismo, como no Catolicismo, a veneração de "santos padroeiros", isto é, os sábios do passado, os grandes religiosos, os heróis ilustres, cuja recordação e exemplo são sempre exaltados; a veneração de almas que são "particularmente próximas", como a mãe, as irmãs, as filhas, que Augusto Comte chama de "anjos da guarda". O Positivismo religioso sente-se, assim, rodeado de "almas amadas", algumas simplesmente protetoras, outras amantes e auxiliares. É a "comunhão dos santos" positivista.

Em torno desses "santos padroeiros", de "anjos da guarda", de "almas amigas", que não são senão uma parte do **Grande Ser**, a Religião Positivista reservou um lugar à sua padroeira suprema, para a mulher-tipo, para a "intercessora privilegiada entre os homens e a Humanidade divinizada": Clotilde de Vaux, a **Virgem-Mãe**.

Destarte, Clotilde — que não era virgem nem se tornou mãe — passou a concretizar "pela excelência de suas virtudes e a soma de suas dores", a figura perfeita da **Humanidade**. "Irrevogavelmente incorporada ao verdadeiro Ser-Supremo, sua terna imagem ministra aos olhos de todos a melhor personificação dele."³⁵

No Positivismo, portanto, a **Humanidade**, filha dos homens, que nasceram eles próprios dela, representa exatamente a **Virgem-Mãe**, que é personificada pela figura de Clotilde de Vaux.

4 — A HIERARQUIA

Para o Positivismo a **Humanidade** é formada só de homens "dignos de sobreviver". "Dos dois atributos gerais que separam a humanidade da animalidade — diz Comte —, o mais essencial e o mais pronunciado demonstra irrecusavelmente, sob o ponto de vista social, a preponderância necessária e invariável do sexo masculino."³⁶

As mulheres são excluídas da Humanidade Divinizada, mas não excluídas da Sociedade Positivista. Elas não participam da sua atividade, porém cada uma é a inspiradora de cada um dos seus membros. As mulheres são o sustentáculo das **Providências Sociais**, pois seu concurso é indispensável para o advento do Positivismo. Elas têm uma “função moderadora”, e uma única missão: **a de amar**. Como disse algures Madame de Stael, “não há nada real no mundo senão amar...”.

As **Providências Sociais**, segundo Comte, são o **Sacerdócio** ou a **Providência Intelectual**; o **Patriciado** ou a **Providência Material**; e o **Proletariado** ou a **Providência Geral**. A mulher é a **Providência Moral**, que sustenta todas as demais **Providências**.

4.1 – O Sacerdócio³⁷

A classe mais importante no Estado Positivista é a dos **Sacerdotes**, que não são teólogos, mas sociólogos. São os intérpretes das doutrinas sócio-religiosas do Positivismo, por isso, distinguem-se pela coragem, perseverança e prudência.

No Sacerdócio há três estágios: os **Aspirantes**, de pelo menos 28 anos, porque é preciso chegar a essa idade para possuir a cultura enciclopédica exigida por Comte; os **Vigários** ou **Suplentes**, de pelo menos 35 anos, irrevogavelmente incorporados ao Sacerdócio, que permanecem nas funções do ensino; e os **Sacerdotes** propriamente ditos, cuja idade não pode ser inferior a 42 anos, os quais são investidos da confiança do **Sumo Sacerdote da Humanidade**. Eles preenchem o tríplice ofício de **Conselheiro, Consagrador e Regulador**.

Os Sacerdotes não devem possuir qualquer parcela de poder temporal, porquanto “foi a mescla do espiritual com o temporal o grande erro da antigüidade, e a grande contribuição do Cristianismo foi separá-lo.” Assim, os Sacerdotes podem sugerir ações ao braço secular da lei, mas não empreendê-las sob a sua própria responsabilidade e iniciativa.

Esta “classe contemplativa deve ser sempre coletivamente sustentada pela classe ativa; primeiro, mediante os livres subsídios dos crentes, depois por intermédio do tesouro público, quando a fé tornar-se unânime.”³⁸

O casamento é obrigatório para eles, pois o Sacerdócio “não pode ser dignamente preenchido sem a influência contínua, aliás objetiva ou subjetiva, da mulher sobre o homem.”³⁹

4.2 – O Patriciado

É a classe detentora do Poder temporal. É a classe temporal possuidora de “capacité industrielle” em suas diversas subdivisões: ban-

queiros, comerciantes, fabricantes e agricultores, colocados em escala hierárquica. Assim, nesta sociedade, os banqueiros são os que possuem maior autoridade, porém são orientados pelos sacerdotes, a fim de que não fujam de suas responsabilidades sociais. Comte queria garantir com isso a justiça social.

O Patriciado é, assim, composto de empresários que têm na Sociedade Positivista o mesmo papel que os Papas reservavam à nobreza feudal. O Sumo Sacerdote da Humanidade delega igualmente ao Patriciado a conduta material do mundo sob condição de obediência à direção do Sacerdócio. De modo que o cidadão não é livre para julgar o comportamento político-social do Patriciado, porém deve confiar plenamente nas exortações morais que os Sacerdotes dirigem a esta "nobreza nova", que, por sua vez, se sujeita a uma voluntária submissão à orientação deles. Daí o aspecto central da filosofia comtiana: a **substituição dos direitos pelos deveres**

4.3 — O Proletariado

Reconhece Augusto Comte que "por mais sólidos que sejam os fundamentos lógicos e científicos da disciplina intelectual que a Filosofia Positiva instituiu, esse regime severo é demasiado antipático aos espíritos atuais para que ele possa prevalecer jamais sem o apoio irresistível das mulheres e dos proletários."⁴⁰ Daí a necessidade do concurso dos Proletários para o advento do Positivismo; contudo, Comte os coloca no extremo inferior da escala social, em razão de sua "incompetência para decidirem as questões sociais."⁴¹

"Eis por que — conclui Comte — a constituição geral da ordem social não seria assaz apreciada se não se decompusesse a classe ativa em dois elementos sempre distintos e amiúde opostos. Eles devem especialmente desenvolver, um o impulso prático, com a personalidade que supõe sua principal energia, o outro a reação social que o habilita cada vez mais."⁴²

Isto nada mais é do que a aplicação da máxima: "**Dedicação dos fortes pelos fracos; veneração dos fracos pelos fortes**". Realmente — diz Comte — "nenhuma sociedade pode perdurar se os inferiores não respeitarem os superiores. Nada confirma melhor semelhante lei do que a degradação atual, em que, por falta de amor, cada um não obedece senão à força; se bem que o orgulho revolucionário deplora o pretendido servilismo de nossos antepassados, que sabiam amar seus chefes. A segunda parte da dupla condição social é, pois, comum a todos os tempos. Mas a primeira não foi realmente introduzida senão na Idade Média; pois que toda a antiguidade, salvo felizes exceções pessoais pensava de modo diverso, como o atesta seu aforismo predileto: 'Paucis nascitur humanum genus' (o gênero humano vive para um pequeno número de homens). Assim, a

harmonia pública repousa sobre a atividade combinada dos dois melhores instintos altruístas, respectivamente apropriados aos inferiores e aos superiores em suas mútuas relações. Todavia, este concurso só pode surgir e persistir nas almas assaz preparadas por um hábito suficiente da mais enérgica, conquanto a menos eminente, das três inclinações simpáticas mediante um justo surto dos afetos domésticos.”⁴⁴

Mas como assegurar a dedicação do Empresariado (Patriado) ao Proletariado ?

“Pelo advento de uma classe de fortes — responde Comte —, que só possa obter ascendente social devotando-se aos fracos, em virtude da livre veneração destes. É assim que o Sacerdócio se torna a alma da verdadeira sociocracia. Mas isto supõe que ele se cinja sempre a aconselhar, sem nunca poder mandar.”⁴⁵

5 — O CULTO

Quanto ao **Culto da Humanidade**, também ele é abstrato e concreto, conforme considere a existência mesma do **Grande Ser** ou os agentes de sua evolução.

Assim, há dois tipos característicos de Culto na Religião Positivista, endereçados, sobretudo à Mulher e à Humanidade.

5.1 — O Culto Privado

Este Culto que “bastaria por si só para suscitar por toda parte tocantes e engenhosos artifícios estéticos, que comportam muito mais eficácia moral, e mesmo intelectual, do que a maioria dos trabalhos científicos,”⁴⁶ compõe-se de duas partes distintas: uma **pessoal**, outra **doméstica**. Esta “consiste em consagrar todas as fases sucessivas da existência privada, ligando cada uma delas à vida pública.”⁴⁷ Já o **culto pessoal** é praticado através de três momentos de oração por dia: ao despertar, uma hora; ao meio-dia, vinte minutos; e ao deitar, meia hora. Orações que se compõem de “comemorações que são uma meditação” e de “efusões” que são um surto de amor e de misticismo. Em um e outro caso, o fundamento da oração é a evocação de um morto, sua constituição no “meio inerte”, sua ressurreição momentânea por meio de sua subjetividade.

“Toda oração — quer privada, quer pública —, explica Comte, se torna no Positivismo verdadeira obra de arte, pois que exprime nossos melhores sentimentos. Como nada pode af dispensar uma constante espontaneidade, cada positivista deve ser, a certos respeitos, uma espécie de poeta, ao menos para seu culto íntimo. Posto que as fórmulas deverão tornar-se fixas, a fim de obtermos maior regularidade, é indispensável que elas sejam sempre originariamente compostas pela própria pessoa que as

emprega, sob pena de não comportarem nenhuma grande eficácia. Por outro lado, esta fixidez nunca é completa porque só diz respeito aos sinais artificiais, cuja uniformidade faz sobressair melhor as variações espontâneas da linguagem natural, quer musical, quer mímica, sempre mais estética que a outra."⁴⁸

É a originalidade poética que Augusto Comte propõe para as orações da Religião Positivista.⁴⁹ Mas é, sobretudo, da prática assídua do **culto privado**, "que há de distinguir, finalmente, verdadeiros positivistas dos falsos irmãos."⁵⁰

5.2 – O Culto Público

É também um exercício poético para o aperfeiçoamento moral do homem, só que realizado nos templos positivistas.

No **culto público da Igreja Positivista do Brasil**⁵¹ prepondera o ensino da doutrina. As reuniões dominicais "são sobretudo destinadas a desenvolver a fraternidade entre os membros da Igreja, já pela expansão do altruísmo mediante a convivência semanal na sede religiosa, já pelo robustecimento da fé, mediante a recordação e desenvolvimento dos ensinamentos do nosso Mestre."⁵²

Além dessas reuniões há solenidades que se estendem durante o ano todo, como a **Festa da Humanidade** (1º de janeiro), **Morte de Clotilde de Vaux** (5 de abril), **Festa da Mulher** (15 de agosto), **Festa de Colombo** (12 de outubro), **Festa Universal dos Mortos** (31 de dezembro). Nos anos bissextos a comemoração é realizada no dia anterior, sendo o dia 31 de dezembro consagrado à **Festa das Santas Mulheres**.⁵³ Estas festas foram instituídas por Comte, outras, como a da **Fundação da República no Brasil** e a da **Glorificação de Benjamim Constant** (15 de novembro) foram estabelecidas pelo Apostolado Positivista no Brasil.

6 – OS SACRAMENTOS

Há nove sacramentos na Religião Positivista: a **Apresentação**, quando a família apresenta solenemente o recém-nascido, que ela coloca a serviço do **Grande Ser**; a **Iniciação**, quando a criança, com catorze anos, passa da educação materna à instrução sacerdotal; a **Admissão**, aos vinte e um anos, "que o autoriza a servir livremente a Humanidade, da qual até então ele tudo recebeu sem lhe retribuir nada."⁵⁴ O quarto sacramento social que vem aos vinte e oito anos, "salvo pedido ou prescrição de adiamento,"⁵⁵ é a **Destinação**, quando os sacerdotes outorgam a cada indivíduo a investidura do seu ofício especial. "É o único sacramento susceptível de verdadeira renovação, sempre excepcional."⁵⁶ O sacramento do **Casamento** é o seguinte, e é obrigatório, pois o Positivismo condena

o celibato, ao mesmo tempo que declara a indissolubilidade do casamento, mesmo que morra um dos cônjuges, o que mostra ser a viuvez eterna, para ele. Os dois outros sacramentos são: a **Maturidade** e o **Retiro**. O primeiro, quando aos quarenta e dois anos, o homem entra em plena posse das suas forças físicas e mentais. O sacerdócio lhe concede vinte e um anos para realizar o seu destino. Expirado esse tempo, o homem terá percorrido na terra nove estágios de sete anos cada um. Terá então sessenta e três anos. O sacerdócio elimina-lo-á da Humanidade ativa, e lhe dará o direito ao repouso, pelo sacramento do **Retiro**.

Há ainda a **Transfiguração**, que é uma espécie de extrema-unção, uma purificação e um viático, que tem por fim facilitar a **Incorporação**, que é a recompensa do fiel positivista.

A **Incorporação** na Humanidade é composta somente de "mortos dignos de sobreviver". Esta possibilidade de sobreviver é submetida pelo sacerdócio a um exame que dura sete anos. Quatro anos após a morte é dada uma "decisão preparatória" que lhe permite prejudicar a decisão final. Passado um novo prazo de três anos, durante os quais o inquérito termina, o sacerdócio dá a sua "decisão irreparável". Se é favorável, o clero procede à translação solene das "nobres estradas", do cemitério ordinário da cidade, ao "bosque sagrado", que deve rodear cada Templo.

Estes sacramentos, contudo, são facultativos, "sem que nunca imponham mais do que um simples dever moral, demonstrado na educação, e sancionado pela opinião pública."⁵⁷

Comte, preocupado ainda com a severidade de suas prescrições, propõe que "o sacerdócio deverá, sendo preciso, solicitar junto ao Governo, a instituição das regras legais destinadas a temperar a justa severidade de nossas prescrições religiosas, cuja observância sempre livre não será jamais recompensada senão pela consciência e pela opinião."⁵⁸

7 — CIÊNCIA E RELIGIÃO

O Positivismo frente à ciência e à religião não nega nem afirma senão aquilo que é possível negar ou afirmar, isto é, aquilo que cabe debaixo da experiência e da observação.

Desta forma, diz Comte, "aqueles que fazem consistir a ciência no simples acúmulo dos fatos observados não precisam mais do que considerar com alguma atenção a astronomia, para compreenderem quanto é limitado e superficial o seu pensamento. Aqui, os fatos são de tal modo simples, além disso, tão pouco interessantes, que se torna impossível desconhecer que só a sua ligação, o exato conhecimento de suas leis, constituem a ciência (...). Nenhuma parte da filosofia natural pode, pois, manifestar com mais força a verdade deste axioma fundamental: toda a ciência tem

por fim a providência, que distingue a ciência real da simples erudição, limitada a contar os acontecimentos completados sem vista alguma do futuro.”⁵⁹

Porém, as ciências em si mesmas não se podem organizar; daí ser preciso que, de fora, o pensamento as ordene. “Sendo, assim, impossível a síntese imediata e objetiva das ciências, resta tentar fazer outra subjetiva, síntese feita, não do ponto de vista das coisas, mas do ponto de vista do homem, o qual, com a ajuda das ciências, demanda os seus próprios fins. Ora, a última das ciências constituídas, aquela mesma que Augusto Comte acaba de criar, fornece, pensa ele, os elementos desta síntese. Para executar este trabalho, tem a sociologia um modelo diante de si: o da teologia, no passado, a qual já unificara as inteligências por meio de um princípio subjetivo. Mas aquele princípio era fornecido pela imaginação. O que há, agora, é retomar a obra dos teólogos mas se apoiando, unicamente, nos fatos e na razão.”⁶⁰

Destarte, Augusto Comte irá fazer a síntese da ciência e da religião, construída a partir do conceito de **Humanidade**. A ciência vinculada às necessidades do homem fornece os meios para se chegar à religião, que assegura a realização de seus fins. Em outros termos, Comte, encontrando na Humanidade, personificada por Clotilde de Vaux, o objeto de seu culto, se apóia na religião que irá realizar sua obra, sem sair, contudo, do mundo real, em que se move a ciência.

A Religião Positivista, portanto, como a Ciência Positivista, parte do concreto para o abstrato e não do abstrato para o concreto, para fornecer os princípios da regeneração das sociedades.

Abraçando ao mesmo tempo a ciência, a filosofia, a política, a religião e a poesia, e desprezando as especulações teológicas e metafísicas incapazes de melhorar a existência humana, pois as regras da felicidade humana são feitas pelo e para o homem —, o Positivismo, pela noção de **Humanidade**, que sistematiza os fatos sociais, se preocupa, principalmente e sobretudo, em dispor o homem a “**viver para outrem**”.

Não obstante, tanto a ciência como a religião se vêem oprimidas neste sistema político-religioso. A ciência é embaraçada pela religião, e esta é constrangida pela ciência. À religião não é permitida qualquer indagação, cuja utilidade social não seja evidente, não lhe é permitido ultrapassar os limites da vida prática: nada de metafísica. Lateralmente, a ciência deve sujeitar-se ao sentimento, à subjetividade, porquanto o importante para Comte é estabelecer o valor moral da ciência a fim de demonstrar a relação lógica existente entre ela e a religião.

Esta colocação nos sugere uma questão axiológica, que pretendemos desenvolver em outro trabalho, sobre o valor do “**subjetivo**” na Filosofia Positiva.

8 – À GUIA DE CONCLUSÃO

O culto à **Humanidade**, instituído por Augusto Comte, não se confunde com aquele que os católicos dirigem a Deus. Nem era possível, já que declara ele não haver provas da existência de Deus, e ser a Humanidade um ente real e demonstrável.

Mas podemos qualificar esta doutrina de atéia e materialista ?

O dogma essencial do Positivismo pode ser formulado da seguinte maneira: há coisas que o homem pode conhecer e outras que jamais conhecerá. O que é possível conhecer são unicamente os fenômenos e as suas relações, não a sua essência, as suas causas íntimas, quer eficientes, quer finais. É impossível alcançar noções absolutas, pois tudo é relativo. E não é por um raciocínio mais ou menos bem encadeado que se chega a esta conclusão de que Comte fez um dogma; é pelo método experimental, que se estabelece um limite para cada categoria de fenômenos. Há um limite em que os fatos se tornam inacessíveis à experimentação; a partir dele se penetra na metafísica, ou melhor, na espiritualidade, onde se movem as idéias de Deus, da alma e da imortalidade.

O Positivismo não ultrapassa este limite. Põe de parte a questão de Deus como manifestadamente insolúvel, não deixando, contudo, de notar que aqueles que admitem um Ser Supremo devem renunciar à idéia de ver no governo do mundo qualquer coisa que se assemelhe as idéias positivistas de ordem, de justiça e de bondade, pois, para Comte, a moral cósmica, se existe, é diferente da moral humana.

Assim, sem se preocupar se existe ou não Deus, com o qual se possam comunicar as almas, inclinando-se a se harmonizarem entre si, para afinal se reunirem Nele —, a Religião Positivista satisfaz a necessidade do homem por um Deus, através de um objeto real e acessível: a **Humanidade**, entendida como a comunhão de todos os homens em uma continuidade e uma solidariedade no tempo.

Este conceito de Humanidade, que se refere a tudo e a todos, se torna mais completa e mais estável do que o esforço por ligar tudo a Deus. O que importa para o Positivismo é o **amor universal**, que não se comunica por uma idéia abstrata, mas nasce das relações entre pessoas reais. É, pois, a **Humanidade** esta persistência material no espaço e no tempo do **Amor**.

“Se somos positivistas — confessa Teixeira Mendes — é porque consideramos que só a Religião da Humanidade pode corresponder, doravante ao ideal de Amor universal ao qual a Humanidade julgou, durante a Idade Média, poder atingir, no Ocidente, mediante o Catolicismo, e no Oriente, mediante o Islamismo. É, portanto, evidente também que aspiramos a ver, no mais breve prazo possível, a Humanidade alcançar, graças ao

Positivismo, o conagraçamento universal de seus filhos divididos pela diversidade dos modos de Religião no Passado, e pela anarquia cada vez maior do Presente. Está claro, enfim que aspiramos ardentemente pelo momento em que os nossos contemporâneos católicos reconheçam da mesma sorte que o reconheceram Augusto Comte e Clotilde de Vaux, que ambos tiveram a inestimável felicidade de nascer e ser educados no Catolicismo, — que o Positivismo constitui apenas o digno herdeiro eterno do Catolicismo. (...) Mas daí concluir que sejamos ou nos consideremos inimigos do Catolicismo e dos católicos, cobiçando a sua sucessão com a sacrílega inveja de quem anseia pela extinção da grandeza alheia, sob qualquer aspecto, material, intelectual, ou moral, é pretender suprimir um abismo intransponível. Pois que a estrita verdade é que **nem o Catolicismo é inimigo do Positivismo, nem os positivistas podem — sem cessar de ser positivistas — imaginar, um instante sequer, que o Catolicismo é inimigo do Positivismo.** Quando os que hoje se confessam católicos se consideram como inimigos do Positivismo, eles são apenas vítimas de uma cruel ilusão. A nós, positivistas, cumpre dissipar, sobretudo pela invencível fraternidade de nossos sentimentos, pensamentos, palavras e atos, esse fatal engano. Porque basta confrontar diretamente as duas Religiões que — segundo o Positivismo — assinalam os dois graus contíguos da ascensão religiosa da Humanidade.”⁶¹

Como se vê, o Positivismo se preocupou em guardar o conteúdo da moral cristã sobre o amor ao próximo, eliminando a concepção do mundo que lhe serve de base, e construindo sobre ela o **altruísmo**, como fundamento de todos os deveres particulares.

Dá Comte afirmar que “nós não diferimos dos católicos senão em que a nossa unidade se refere à Humanidade, ao passo que a deles se refere a Deus.”⁶²

Portanto, como diz Ivan Lins, “ao contrário do que geralmente se supõe, o Positivismo não é ateu, isto é, não se preocupa em destruir Deus e demonstrar-lhe a inexistência como pretendem os corifeus do ateísmo.”⁶³

E o próprio Augusto Comte refuta o materialismo ao afirmar que “o homem propriamente dito não é, no fundo, senão pura abstração; não há de real senão a Humanidade, sobretudo na ordem intelectual e moral.”⁶⁴

A Religião da Humanidade é, em suma, “todo conjunto de princípios intelectuais, práticas afetivas e normas de vida capazes de concorrer para o prevailecimento do **altruísmo** sobre o **egoísmo**, quer individual, quer coletivo. **Ligar** os sentimentos, pensamentos e atos de cada indivíduo, subordinando-os sempre ao **altruísmo** ou ao amor do próximo, e, ao mesmo tempo, **religar** todos os participantes da mesma comunhão de crenças em torno de um ideal supremo de aprimoramento da vida inte-

lectual e coletiva, humanizando cada vez mais o próprio homem, eis o quê, para Augusto Comte, caracteriza a **religião**, que seria, assim, traduzida pelo mais bem formado de todos os vocábulos, porquanto **liga** o homem em seu foro íntimo e **religa**, exteriormente, aos seus semelhantes: **re + ligare**. Sem preocupar-se com a consideração do processo ou modo, sobrenatural ou não, através do qual pode esse objetivo ser alcançado, a religião, para Augusto Comte, seria, em seus elementos essenciais, o mais completo dos sistemas de educação, pois, acompanhando o homem do berço ao túmulo, teria, como finalidade, adaptá-lo cada vez mais ao convívio social.”⁶⁵

Não há dúvida de que a Religião Positivista, não renegando os valores espirituais da vida, é sedutora na aparência, com sua máxima cristã: **“Viver para outrem”**; contudo, não nos devemos esquecer dos aspectos reacionários do pensamento de Comte.

O que foi visto, claramente, por Stuart Mill, seu amigo e discípulo: “E alguns dos reformadores modernos que se colocaram na posição mais violentamente oposta às religiões do passado, não ficam em nada a dever às igrejas ou às seitas em sua afirmação do direito do domínio espiritual: M. Comte, especialmente, cujo sistema social, conforme descrito em seu **Système de Politique Positive** pretende estabelecer (conquanto mais por meios morais do que legais), um despotismo da sociedade sobre o indivíduo que ultrapassa tudo quanto foi contemplado no ideal político dos mais rígidos disciplinadores dentre os antigos filósofos.”⁶⁶

Realmente, esta declaração é justa. Assim, a conclusão a que se chega, é que a questão das relações entre a **Moral** e a **Religião**, em Comte, foi precipitadamente resolvida.⁶⁷

Como conciliar o princípio do amor, advindo da moral altruísta — **“Viver para outrem”** — com o autoritarismo dogmático e a disciplina despótica da Religião da Humanidade ?

Na doutrina positivista, os deveres para com os outros prevalecem como altruísmo, pois ela concebe a dignidade humana como superioridade moral que se adquire procurando o bem alheio; porém, em assim procedendo, ela faz do **Amor** um **dever: ordena aos homens a se amarem na Humanidade !**

O que a Religião Positivista propõe, portanto, não é o devotamento a outros homens — o amar uns aos outros —, mas a um fim superior a qualquer individualidade: O **Grande Ser a Humanidade**, entendida como a sucessão das gerações, como uma coleção de individualidades,.

Embora seu programa consista em formar uma consciência moral e social, que inspire os idealismos humanos, nacionais e sociais, contra os impulsos egoístas e “superstições retrógradas”, não há negar que a Religião Positivista é triste e tirânica, é “severa e árdua”, na expressão de

Littré,⁶⁸ pois os atos da vida são estreitamente regulados e toda liberdade moral, severamente reprimida, porque é incompatível com a ordem social.⁶⁹

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

- BOUTROUX, E.,** *Sciencia e Religião na Philosophia Contemporanea*, Rio, Liv. Garnier, 1924.
- BRAGA, Teófilo,** *Traços Gerais da Philosophia Positiva*, Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1877.
- COMTE, Augusto,** *Cours de Philosophie Positive*, Paris, Lib. Baillièere et Fils, 4ed., 1877, 6 vols.
- COMTE, Augusto,** *Système de Politique Positive ou Traité de Sociologie instituant la Religion de l'Humanité*, Paris, Lib. Scientifique et Industrielle de L. Mathias, 1851 – 1854, 4 vols.
- COMTE, Augusto,** *Catecismo Positivista*, Rio, Templo da Humanidade, trad. Miguel Lemos, 4ed., 1934.
- COMTE, Augusto,** *Apêlo aos Conservadores*, Rio, Templo da Humanidade, trad. Miguel Lemos, 1899.
- COMTE, Augusto,** *Synthèse Subjective ou Système Universel des Conceptions proprés a l'état normal de l'Humanité*, Paris, Victor Dalman, 2ed., 1900.
- COMTE, Augusto,** *Discurso sobre o Espírito Positivo*, Porto Alegre, Ed. Globo/Ed. Usp, trad. Renato Pereira e Ivan Lins, 1976.
- COSTA, J. Cruz,** *Augusto Comte e as Origens do Positivismo*, Ed. Nacional, 2ed., 1959.
- LAGARRIQUE, J. Enrique,** *A Religião da Humanidade*, Rio, Liv. S. José, trad. de Américo Duarte de Viveiros, 1954.
- LEVI-BRUHL, L.,** *La Philosophie d'Auguste Comte*, Paris, Felix Alcan Ed. 6ed. s/d.
- LINS, Ivan M. de Barros,** *O Positivismo como religião e alguns aspectos de sua atuação no Brasil*, Fortaleza, 1962.
- LINS, Ivan M. de Barros,** *História do Positivismo no Brasil*, SP. Cia. Editora Nacional, 2ed. 1967.
- LITTRÉ, Ed.** "Prefácio de um discípulo" e "Estudo sobre os Progressos do Positivismo" in Augusto Comte, *Princípios de Filosofia Positivista*, SP, Ed. Paulista, s/d.

- LONCHAMPT, Joseph, **Essai sur la Prière**, Paris, Paul Ritti, 3ed. 1878.
- MENDES, R. Teixeira, **As últimas concepções de Augusto Comte ou Ensaio de um complemento ao Catecismo Positivista**, Rio, Templo da Humanidade, 1898.
- MENDES, R. Teixeira, **A Igreja e o Apostolado Positivista no Brasil**, Rio, Templo da Humanidade, 1917.
- MENDES, R. Teixeira, **O Ano sem Par**, Rio, Templo da Humanidade, 1900.
- MENDES, R. Teixeira, "Ainda a verdade histórica acerca da instituição da liberdade espiritual no Brasil" e "Ainda a atitude dos positivistas para com os católicos e demais contemporâneos" in **Boletim da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil**, Rio, nº 343, fevereiro de 1913.
- MILL, J. Stuart, "On Liberty" in **Utilitarianism, Liberty and Representative Government**, N. Y, Dutton, 1951.
- SANTOS, Licurgo de Castro, "A Philosophia Positiva e o Materialismo" in **A Província de São Paulo**, 14 de março de 1886, nº 3290, p. 1. (Seção Científica).
- SIMÕES, A., **Romance de Augusto Comte**, Pernambuco, Tip. do Jornal de Recife, 1897., 2 vols.

NOTAS:

- (1) Augusto Comte, **Catecismo Positivista**, p. 28.
- (2) Idem, "Carta nº 128 à Clotilde" apud R. Teixeira Mendes, **O Ano sem Par**, p. 585.
- (3) R. Teixeira Mendes, **O Ano sem Par**, p. 147.
- (4) "...a amizade, ainda mais que o amor exige sobretudo uma profunda estima prévia, a qual supõe uma justa apreciação anterior" (Augusto Comte, "Carta nº 13 à Clotilde" apud Teixeira Mendes, op. cit., p. 167).
- (5) De tal modo Comte amava Clotilde que, em carta a Stuart Mill, confessa: "Foi-me preciso toda a potência das minhas convicções filosóficas contra o suicídio, fortificada pelo sentimento fundamental da alta missão social que me resta a cumprir, para sobreviver sem hesitação a tal catástrofe." (apud Teixeira Mendes, op. cit. p. 793.)
- (6) Augusto Comte, **Catecismo Positivista**, p. 17.
- (7) E. Boutroux, **Ciência e Religião na Filosofia Contemporânea**, p. 16.
- (8) Augusto Comte, **Cours de Philosophie Positive**, vol. VI, p. 780.
- (9) Idem, **Système de Politique Positive**, vol. I "Dédicace", pp. VI — VII.
- (10) E. Boutroux, op. cit., pp. 23 — 24.
- (11) Auguste Comte, **Système de Politique Positive**, vol. II, p. 7.
- (12) *Ibidem*, p. 305.
- (13) *Ibidem*, p. 306.
- (14) *Ibidem*, p. 306.
- (15) Idem, **Catecismo Positivista**, pp. 33 — 37.
- (16) *Ibidem*, pp. 397 e 147.
- (17) Idem, **Apelo aos Conservadores**, "Prefácio", p. V.

- (18) *Ibidem*, p. 5.
- (19) *Ibidem.*, p. 25.
- (20) *Ibidem*, p. 198.
- (21) *Idem*, **Synthèse Subjective**, pp. 2 – 4.
- (22) *Ibidem*, p. 26.
- (23) Cf. André Poey, “M. Littré et Auguste Comte” apud A. Simões, **Romance de Augusto Comte**, vol. 2, pp. 137 – 167.
- (24) Augusto Comte, **Catecismo Positivista**, p. 60.
- (25) *Idem*, **Système de Politique Positive**, vol. 1, p. 352, **Catecismo**, p. 60.
- (26) Miguel Lemos, “Notas do Tradutor” in **Catecismo Positivista**, p. 452.
- (27) Augusto Comte, “Testament, Prières Quotidiennes, Confessions Annueles et Correspondance avec Mme Clotilde de Vaux”, p. 216, apud Miguel Lemos, “Notas” in **Catecismo Positivista**, p. 452.
- (28) O termo “altruísmo” foi criado por Augusto Comte, e empregado pela primeira vez no **Système de Politique Positive**, vol. 1.
- (29) L. Lvey-Bruhl, **La Philosophie d’Auguste Comte**, p. 315.
- (30) Augusto Comte, **Apelo aos Conservadores**, p. 17.
- (31) *Idem*, **Catecismo Positivista**, p. 72.
- (32) Cf. *Idem*, **Synthèse Subjective**, pp. 6 – 8.
- (33) *Idem*, **Catecismo Positivista**, p. 8.
- (34) E. Boutroux, op. cit. p. 22.
- (35) Augusto Comte, **Catecismo Positivista**, p. 30.
- (36) *Idem*, **Cours de Philosophie Positive**, vol. IV, pp. 539 – 574.
- (37) Augusto Comte descreve minuciosamente a organização do **Sacerdócio no Système de Politique Positive**, vols. II e IV, e no **Catecismo**. Por razões de espaço, damos aqui apenas um esquema geral.
- (38) Augusto Comte, **Catecismo Positivista**, p. 318.
- (39) *Ibidem*, p. 321.
- (40) *Ibidem*, “Prefácio”, p. 11.
- (41) *Ibidem*, p. 22.
- (42) *Ibidem*, p. 250.
- (43) *Idem*, **Cours de Philosophie Positive**, vol. VI, p. 589.
- (44) *Idem*, **Catecismo Positivista**, pp. 358 – 359.
- (45) *Ibidem*, p. 359.
- (46) *Idem*, **Système de Politique Positive**, vol. pp. 435 – 437.
- (47) *Idem*, **Catecismo Positivista**, p. 129.
- (48) *Ibidem*, p. 109.
- (49) Um exemplo de **oração positivista** é a seguinte:
- Chacun de nous, ma bonne mère,
A, dit-on, son ange gardien,
Dans notre trajet sur la Terre,
Cet ange nous sert de soutien.
Je pleure, tu sèches mes larmes,
Je ris, tu souris avec moi;
Dans mon bonheur, dans mes alarmes,
Quel est mon ange, sinon toi ?
-
- Esta composição é da autoria de J. B. Foucart, escrita em 1859, apud Joseph Lonchamp, **Essai sur la Prière**, p. 56.
- (50) Augusto Comte, **Catecismo Positivista**, p. 117.
- (51) O Templo da Humanidade no Brasil está localizado na Rua Benjamim Constant, 74, Glória, Rio de Janeiro.
- (52) R. Teixeira Mendes, **A Igreja e o Apostolado Positivista no Brasil**, p. 39.
- (53) Cf. *Ibidem*, p. 43.

- (54) Augusto Comte, **Catecismo Positivista**, p. 132.
- (55) *Ibidem*, pp. 132 – 133.
- (56) *Ibidem*, p. 133.
- (57) *Ibidem*, p. 140.
- (58) *Ibidem*, p. 141.
- (59) *Idem*, **Cours de Philosophie Positive**, vol. II, pp. 18 – 19.
- (60) E. Boutroux, **Ciência e Religião na Filosofia Contemporânea**, p. 13.
- (61) R. Teixeira Mendes, "Ainda a atitude dos positivistas para com os católicos e demais contemporâneos" in **Boletim** nº 343, p. 98 da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil. (fevereiro/1913).
- (62) Augusto Comte, "Carta a seu pai" apud. R. Teixeira Mendes, *idem*, p. 94.
- (63) Ivan Lins, **O Positivismo como religião e alguns aspectos de sua atuação no Brasil**, p. 9.
- (64) Augusto Comte, **Cours de Philosophie Positive**, vol. VI, pp. 691 – 692.
- (65) Ivan Lins, *op. cit.*, p. 14.
- (66) J. Stuart Mill, "On Liberty" in **Utilitarianism, Liberty and Representative Government**, p. 101.
- (67) Este problema deverá ser discutido num ensaio, em elaboração, que tem em vista o altruísmo na ética positivista.
- (68) E. Littrè, "Prefácio de um Discípulo" in **Princípios de Filosofia Positiva**, pp. 55 – 56: "A Filosofia Positiva é severa e árdua. Coloca os seus discípulos na rude lei de aprender, e os conduz como os iniciados de outrora, de escalão em escalão até o pináculo. Por este desenvolvimento regular, ela extirpa do espírito tudo o que é, a priori, e não lhe abre as concepções gerais senão quando lhes corrigiu todas as tendências objetivas que são, ao mesmo tempo, naturais e cômodas. E todavia, mau grado esse aparelho que é de sua essência, mau grado as vigorosas condições que ela impõe, não tem deixado de se implantar e de frutificar."
- (69) Augusto Comte, **Catecismo Positivista**, p. 246: "A doutrina metafísica sobre a pretendida liberdade moral deve ser historicamente considerada como um resultado passageiro da anarquia moderna: porquanto ela tem por objeto direto consagrar o individualismo absoluto, para o qual tendeu cada vez mais a revolta ocidental que teve de suceder à Idade Média."